

Na era das «identidades»: Erotismo, Corpo e Violência¹

Tomando como ponto de partida a questão do argumento de nosso Colóquio, decidimos interpelar o mal-estar de nosso tempo pelo viés do que aparece, como sintoma, em nossa clínica como na dimensão que chamamos social, a saber, a busca, às vezes desesperada, por uma “identidade”, seja ela religiosa, de raça, de gênero ou mesmo aquela proposta pela enxurrada de conselhos dos novos “mestres *influencers* digitais”. Por isso nomeamos este momento de “era das identidades”.

As perguntas que se impõem, portanto são:

- O que faz com que muitos sujeitos se “colem” a uma nomenclatura que, em nossos dias, proliferam com a rapidez do mundo cibernético?

- O que isso tem a ver com as condições atuais de dois elementos, *castração* e *alteridade*, indispensáveis à subjetivação, à constituição de um corpo erotizado e de barreiras, ou possibilidades sublimatórias, frente à agressividade e à violência que nos habitam?

Estes são dois conceitos caros à Psicanálise, que considerou o chamado “humano”, desde sempre, como um ser incompleto, *neóteno*, desamparado pela Natureza e absolutamente dependente de um Outro que o constitua como sujeito a partir tanto de seu desejo quanto de sua posição de diferença radical, de *alteridade*, portanto. De um Outro, então, do qual receberá não somente sua marca, a de sua condição, mas também a que organiza sua desorientação pulsional lhe transmitindo, pela operação que Freud bem nomeou *castração*, a Lei do Desejo.

Freud aponta, por um lado, que a incidência da *castração* se manifesta no reconhecimento de que não somos onipotentes, de que há limites à satisfação, e que a interdição é um elemento essencial na constituição do psiquismo, e, por outro lado, que a *alteridade* se articula com essa experiência de castração uma vez que a ex-istência do Outro se impõe como limitação ao desejo narcísico do *infans*. A função da alteridade, quando se apresenta, pelas figuras da autoridade, na experiência, implica o reconhecimento do outro, do semelhante, como diferente, como portador de um desejo próprio, impondo ao sujeito uma reorganização de suas expectativas e fantasias. A recusa – às vezes porque está foracluída – da alteridade, por sua vez, pode ser experienciada como um retorno ao estado narcísico, no qual o sujeito não poderá se confrontar com os limites da castração e com tudo o que isso implica: não poderá confrontar-se com o *unheimlich*, o infamiliar, o estranho, o real que o habita e o constitui.

Mas o que se passa, no âmbito mais íntimo do lugar no qual um sujeito poderia se constituir, o que chamamos família, na qual seu drama particular, seu mito individual pudesse se desenrolar? Por que esta tem *faltado em sua função* de sustentar o lugar da alteridade bem como a de garantir que as possibilidades para que, por este drama – que Freud denominou complexo de Édipo – a operação da castração possa se dar oferecendo

1 Texto apresentado no Colóquio CEG – Convergencia – PARIS 2025: “Mal-estar, Castração, Alteridade” pela Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória-ELPV. Grupo de trabalho: Beatrice do Valle, Camila Scarpati, Darlene Tronquoy, Inêz Torres, Felipe C. da Rocha, Paula Lempê e Rosânea de Freitas.

ao sujeito a possibilidade de uma identificação com um sexo possível de, minimamente, representá-lo fornecendo as bordas de um erotismo? Sim, porque a função da *alteridade* e da *castração* são responsáveis por conferir ao corpo uma função sexual/sexuada bem como a de permitir ao sujeito se incluir em uma linha geracional. Sem isso, é o horror, é a errância!

A série *Adolescência*, mais que discutir o mundo virtual, mostra bem a relação da “falta de lugar” – de uma “identificação” que pudesse minimamente orientar um sujeito –, com as passagens ao ato violento. É o que mostra nossa clínica que recebe, cotidianamente, como no lembra Lacan (1998, p. 126), o homem “liberado” da sociedade moderna revelando seu despedaçamento, sua desrealização do outro e do mundo com suas consequências sociais de fracasso e de crime, quando não volta contra si mesmo sua agressividade que mutila, escarifica, deforma, e com a licença do “direito” conferido pelas técnicas cientificistas. “Afinal, por que não?”, tal é a vinheta pós-moderna de um tempo que é o avesso daquele de Freud. Outrora, se tudo era proibido, hoje, tudo é permitido, mas com que efeitos? Nossa clínica os testemunham.

Vivendo um momento de angústia, J-Augusto, em dezembro de 2023, chega ao consultório de seu analista. Descreve-se com um *incel* (celibatário involuntário). Aos 23 anos ainda é virgem, nunca sequer beijou uma garota. Com fala marcada por certa misoginia (misofonia – ato falho na escrita), diz que, de acordo com a teoria darwiniana, ele, como homem, tem poucas chances com as mulheres (no plural). Fala da regra 80/20.² Considera-se feio e baixo, características desprezíveis que o fazem se sentir humilhado. Além do mais, seu pênis é pequeno, de acordo com as pesquisas feitas na internet sobre o tamanho normal do membro sexual masculino. Aliás, é a internet – a partir da solidão de seu quarto – a tela pela qual vê o mundo: o ‘*discord*’, sua rede social. Frequentemente, cita seus ídolos pelos *podcasts* e *youtubers* e a aderência à suas ideias. Impressiona a tendência nessa escolha: são nomes claramente vinculados a uma extrema direita que se faz presente na *internet*.

J-Augusto considera não ter aproveitado a adolescência e o tempo da escola. Ressente-se do ‘*bullyng*’ sofrido por colegas e professores. Está tentando finalizar uma graduação, mas encontra muitas dificuldades, ele procrastina. Tem muitos pensamentos culposos e de auto-desprezo. Acha-se burro: marcas de uma vida escolar! Seu maior interesse é a música: metal extremo. Inclusive, planeja compor algo bom e viver da música, mas não consegue sair de alguns riffs, na guitarra, nos quais vai e volta, tentando melhorar. Ao pensar em letras para suas músicas, em suas composições, fica evidente a manifestação do ódio em cenas de violência e barbárie.

Questões sobre as mulheres são temas recorrentes em suas sessões. Aprisionado e desorientado em relação à construção de sua posição sexual, de sua masculinidade/virilidade, vai no caminho de uma oferta fácil e sedutora das redes sociais. Mas, no meio do caminho, uma pedra: as respostas ali não tiram sua angústia. Ele encontra a Psicanálise.

Segue em atendimento. Algo ainda em construção. Mas a busca por um traço que o defina, o identifique, continua. Nesse momento, discute a busca por uma avaliação neuropsicológica que possa aliviar seus pensamentos culposos: quer saber se é autista.

² O princípio de Pareto [que pode ser aplicado em diversas áreas, como gestão de negócios, produtividade individual e até mesmo na vida pessoal], também é conhecido como regra do 80/20, lei dos poucos vitais ou princípio de escassez do fator, afirma que, para muitos eventos, aproximadamente 80% dos efeitos vêm de 20% das causas (Wikipédia).

A pergunta inicial sobre o caso foi ‘o que se passa na atualidade que prolonga e dificulta o processamento, a elaboração e a saída desse momento da adolescência e de suas questões típicas, apesar da idade desse rapaz, 23 anos?’ O desamparo da adolescência tem deixado os jovens à mercê das redes sociais e da proliferação dos discursos de ódio. Qual o lugar da psicanálise como discurso e práxis neste contexto?

Sabemos que as saídas são singulares, porém, é necessário estarmos atentos aos efeitos de um tempo que visa prazeres e satisfações imediatas, no qual os imperativos do gozo é que oferecem as (des)coordenadas deixando os sujeitos sem possibilidades – ou quase – de serem capturados pela trama que acolheria sua divisão e permitiria ao gozo ceder às coordenadas do desejo. Diante, pois, de ofertas avassaladoras, infundadas e infrutíferas, tal divisão tem sido experimentada como um “pavorosa fissura” (LACAN, 1998, p. 126).

A imersão na era digital intensificou a relação com os eletrônicos e seus tempos de uso, acentuando os isolamentos. Vivemos numa sociedade anestesiada, seja pela dor, pela solidão, por eletrônicos, medicamentos ou drogas de diversas formas e vias de uso. Diante da angústia, das depressões, das melancolias, tende-se a aplacar o medo, a ansiedade, a dor de existir, com substâncias psicoativas. Anestesiados, paralizados, estão adultos, jovens e mesmo crianças. Que fosso ou falta da falta simbólica/imaginária tem provocado essa captura viciante?

Será que o fim do Patriarcado que, mesmo com suas consequências nefastas – o poder extremado do homem sobre as mulheres e os filhos – nos deixou órfãos em sua função de garantir, no social, a função de um pai ainda que esta vacilasse no âmbito privado da família? Será que a proliferação da oferta de “identidades”, de possibilidades de “adulteração” dos corpos com os discursos que os sustentam – o cientificismo/o do capitalista – não seriam uma tentativa de resposta a esta “orfandade”?

Jacques Lacan, em *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise*, apresenta o discurso do capitalista como aquele que se produz não por um giro dos elementos que estabelecem os outros discursos, mas apenas por uma inversão, a partir do discurso do mestre, entre S1 e \$, no qual \$, o sujeito, com sua divisão, passa ao lugar do agente. O problema é que, diferente dos outros discursos, que organizam, de alguma forma, o laço social, o do capitalista faz exatamente o contrário: corta os laços e joga cada um para se virar sozinho com seu carrinho de compras lotado de promessas de felicidade.

Constantemente capturado por novos objetos, os *gadgets* da sociedade de consumo, o desejo segue insatisfeito, o que se evidencia quando evocamos alguns aspectos da relação com o corpo em nossa época: sempre falta algo, há sempre um retoque a ser feito, um novo ritual, um novo procedimento! A psicanálise nos ensina que o desejo não tem um objeto, que ele escapa, como pura falta, nas brechas de seus simulacros, portanto, nada de corpo ideal, nada de completa adequação com o sexo, portanto, que preço a pagar na medida em que se toma o furo real de nossa experiência como um débito, como dívida a ser quitada? E acaso não estaria, esta busca, na mesma lógica da busca de uma “identidade”?

Daí a importância, para os psicanalistas, ao menos, de se darem conta de que o termo *identidade* apaga, asfixia a dimensão do “Eu[Je]”, do sujeito do inconsciente. Por isso seu emprego deverá, para nós, restringir-se a seu sentido político, porque o sujeito é aquele que não é, justamente, uma identidade, mas uma questão sobre a identidade. É aquele que se destaca do “Nós” no qual seu ser perde seu anonimato no grupo, na tribo, na raça, no gênero. Na era das identidades, para onde foi o sujeito que se interroga sobre si

mesmo e sobre o sentido de sua existência e da perda na medida em que esta toca o ser? Para onde foi a referência ao “Eu[Je]” como enigma do ser quando um evento traumático produz vertigem nos colocando diante de um precipício sem que depois saibamos como “ser novamente”? (LEGUIL, 2019) Não seria este o momento em que, em nossos tempos, se busca uma identidade *prêt-à-porter*?

Assim é que a busca por identificações a um grupo, a uma ideia, a outros “iguais” visa amparar o mal-estar próprio à existência humana. Contudo, como bem nos lembra Freud, ela acaba, muitas vezes, ao invés de alcançar o objetivo inicial, se distanciando ainda mais dele. Ao tentar abolir diferenças no reduto dos iguais, ela destaca mazelas numa lógica que vai na contramão do universal e termina produzindo o inverso: o que, a princípio, é visto como antídoto na busca por igualdade e direitos, pode ter como efeito colateral a cristalização posições de outrora em uma batalha de soma zero (MOUNK, 2024).

Quando o sujeito, então, essa “vítima comovente evadida de alhures, condenado à mais assustadora galésocial” que é o homem moderno, como nos diz Lacan (1998, p. 126), rompe seu exílio, com seu silêncio, às vezes ruidoso, e vem até nós, “é para este ser de nada que nossa tarefa consiste em reabrir o caminho de seu sentido numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais” (Idem, p. 126). Trata-se, numa travessia das identidades, de apostar e dar lugar ao “Eu[Je]”, para além das semelhanças, das comparações imaginárias, como nos lembra Leguil (2019), de nossas concorrências como possibilidade de afrontar sua “inquietante estranheza”, seu próprio *Unheimlichkeit*, para finalizarmos com o tão contemporâneo Sigmund Freud!

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. “A agressividade em psicanálise”. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

_____. *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LEGUIL, Clotilde. Texto apresentado no Fórum Philo “Le Monde”, Le Mans, 12 de novembro de 2019. <http://forumlemondelemans.univ-lemans...>

MOUNK, Yascha. *A armadilha da identidade: uma história das ideias e do poder em nosso tempo*. Tradução de Roger Trimer. São Paulo: Edições 70, 2024.